

MARGAUX FRAGOSO

UM TIGRE NAS FLORESTAS DA NOITE

Tradução de José Vieira de Lima

A casa de dois pisos

Em frente da residência para duas famílias, havia uma fonte branca de duas bacias e três grandes estátuas de resina – um urso cor-de-rosa, um *Labrador* preto com asas e uma sereia. O urso estava meio afundado numa hera. Aquela estranha hera, escura e retorcida, fazia uma espécie de bracelete em torno da gorda cauda da sereia, e subia por um dos lados da casa, engolindo, como a barba de um homem selvagem, as tábuas púrpura, algo degradadas, que cobriam a parede; no chão, no meio daquela hera emaranhada, irrompiam rosas vermelhas e cor-de-rosa. Havia uma bandeira espanhola, dourada e vermelha, em mau estado, na ponta de um poste, e vasos em ambos os lados do tapete de boas-vindas. A campainha a que a minha mãe tocou pendia para fora da moldura, presa nos fios. Como parecia não funcionar, ela recorreu a uma pesada aldrava dourada.

De início, não associei ao pai da piscina o homem elegante e ágil que nos conduziu até ao cimo das escadas. Agarrei-me ao corrimão de mogno só para não contrariar a minha mãe: ela achava que as escadas podiam ser um perigo unicamente porque eram de caracol. A certa altura, quase escorregava porque não tirava os olhos de um conjunto de chaves douradas que ornamentava a parede; estava posicionado de tal forma que cada chave parecia maior do que a que estava por baixo.

– Estas escadas são umas verdadeiras assassinas – disse o pai, agarrado ao fundo das costas. – Preferia viver no piso de baixo, mas é demasiado

pequeno para nós. Além disso, está um bocado degradado. Nem sequer posso alugá-lo neste momento. Estou sempre a pensar em arranjá-lo, em pô-lo em condições para ser habitado, mas há tanto que fazer no primeiro piso... Já vão ver...

No cimo das escadas, havia um espelho; a minha mãe perguntou qualquer coisa acerca dele e lembro-me de o homem ter respondido: – É um candelabro americano com espelho. No topo, tem a águia federal. Todos os anos, mais ou menos, aplico-lhe um *spray* dourado para manter o seu bom aspeto. Comprei-o numa feira de velharias aqui perto. Velharia não é a palavra exata. Trata-se de uma antiguidade. – Depois, riu-se e disse: – Tal como eu.

»Na nossa casa, é só antiguidades... O fogão, exclusivamente a gás, é de uma marca que já não existe, a marca *Bengal*, e foi instalado em 1955. E temos também uma banheira muito antiga, daquelas cujos pés imitam garras de animais. Aquele tipo de banheira bem funda que já não se vê em lado nenhum. E também temos um lava-louça-e-roupa... A sério: tem duas partes bem fundas, uma para lavar louça, e a outra para lavar roupa.

Apercebi-me de que, por alguma razão, ele estava a protelar a abertura da porta de madeira ao cimo das escadas; como todos os adultos, gostava de fazer as crianças esperar. Enfiei-me entre ele e a minha mãe e fitei-o com uma expressão amuada e ao mesmo tempo amável, e perguntei-lhe: – Desculpe, diga-me lá o seu nome outra vez...

– Peter. Já te tinhas esquecido?

– Peter, pode abrir essa porta? Por favor?

Num gesto rápido e com um sorriso tão doce como mel, pousou a mão grande e gentil sobre os meus olhos. – Vá lá, agora não espreites, está bem? Eu vou tirar a mão rapidamente, e, quando o fizer, vais ver uma coisa absolutamente espantosa, está bem? Prometes que não tentas espreitar?

– Prometo.

Ouvi a porta a abrir-se e, por acaso, tentei mesmo espreitar, mas tudo o que via era a luz que se coava por entre os dedos dele. – Pronta?

– Pronta!

No meio do chão, havia um tanque de vidro quadrado – deveria ter mais ou menos o tamanho de um sofá de uma pequena sala de estar. Lá dentro, havia ramos grossos castanhos, onde descansavam iguanas com

aqueles espigões que elas têm na cabeça; num pequeno tanque imundo via-se um peixe-gato. Em poleiros, junto às janelas, periquitos e tentilhões davam às asas; o chão estava coberto com jornais por causa dos excrementos dos pássaros; a alpista estava em pequenos nichos cavados nas paredes, e, do teto, pendiam brinquedos para eles: sininhos e rochas coloridas presas umas às outras. Um cão enorme e muito peludo, com a língua de fora, veio ter comigo a pedir-me festas, e eu mergulhei logo a minha mão na sua espessa pelagem cor de outono; ele deitou-se no chão de barriga para o ar para que eu lhe fizesse festas.

– Este é o *Paws* – disse Peter. – É o cão mais simpático do mundo, uma mistura de *golden retriever* e de *collie*.

– Oh, são duas raças muito bonitas! – exclamou a minha mãe, e, embora fosse alérgica a cães, não resistiu a afagá-lo.

Peter levou-nos depois para a cozinha, que continha um tanque com uma pequena tartaruga. A tartaruga comia vermes, informou-nos Peter, e mostrou-me os cubos cinzentos que, na realidade, eram vermes esmagados e secos. Tirou a rede de arame que tapava o tanque e eu deitei na água um cubo cinzento e vi a cabeça achatada e enrugada a erguer-se para apanhar a comida. O tanque da tartaruga e o tanque na sala de entrada exalavam um fedor selvagem que se misturava com todos os outros cheiros: excrementos e penas dos pássaros, jornais velhos e o pelo do *Paws*, que tinha um cheiro quente e sujo – um cheiro a cão. Seguiu-nos para todo o lado e não parava de olhar para nós com os seus olhos húmidos. A tagarelice dos pássaros misturava-se com o ruído das patas do cão no linóleo da cozinha, e o som daquela cauda louca e feliz que batia com força em todas as coisas por onde passava. Toda a parte de trás do *Paws* abanava ao ritmo da cauda, incessantemente. – É como se ele estivesse a dançar – disse eu.

Fomos para a sala de estar, que tinha tapetes vermelhos, um sofá de veludo vermelho e cadeiras almofadadas com veludo, cortinados vermelhos, e três enormes estantes atravancadas de livros. No chão, havia uma pequena gaiola de arame com um robusto *hamster* castanho e branco, e, junto à janela, num tanque, com cerca de metade do tamanho daquele que estava na sala de entrada, nadavam peixinhos de aquário – alguns cor de laranja, outros pretos, outros às manchas. Vogavam entre plantas de aquário, uma casinha de pedra, uma sereia de pedra, um sapo de pedra e um moinho de vento que lançava bolhas continuamente. À esquerda

desse tanque, havia um outro mais pequeno, e, com um sorriso de orelha a orelha, Peter levou-nos até ele, apontando para um pequeno aligátor.

– É um caimão, meio aligátor, meio crocodilo – explicou Peter, e eu reparei que o animal tinha um comprimento de mais ou menos metade do meu braço e uma largura idêntica. Tinha a pele cheia de ondinhas, uns olhos velhos que não pestanejavam, e estava tão quieto como as criaturas de pedra.

– Como é possível que ele seja tão pequenino? – perguntei.

– Bom, se ele vivesse na natureza, cresceria muito mais – respondeu Peter. – Mas, aqui, em cativeiro, fica só com o tamanho que o tanque permite. O corpo dele sabe instintivamente que, se crescesse mais, ficaria maior do que o sítio que o contém. Sabes, ele sente-se feliz aqui, com o seu pequeno riacho e o pequeno tronco para descansar: nunca crescerá mais do que isto. A menos que eu arranje um tanque maior.

– E vai arranjar? – Ergui os olhos para o rosto sorridente de Peter. – Um tanque maior?

– Talvez um dia, não sei. Mas eu gosto dele com o tamanho que tem. Queres ver um truque, uma coisa mesmo gira?

– Claro!

Peter enfiou a mão no tanque e a minha mãe e eu abrimos a boca de espanto e de medo. Mas ele, sempre com um sorriso, pôs-se a mexer no pequeno aligátor até o pôr de barriga para cima. Aproximei-me um pouco mais para ver aquela barriga suave e branca, com umas linhas que pareciam dividi-la em porções, as pernas gordas e pequenas erguidas numa aparente submissão total; e aquele focinho com uma forma estranha, desenhando uma espécie de sorriso franco e sereno, revelando minúsculos dentes triangulares. Apesar de minúsculos, parecia-me que aqueles dentes podiam ser muito perigosos; fiquei com medo que ele mordesse a mão de Peter e o meu coração começou a bater mais forte. Pensei nos livros da biblioteca que lera sobre tigres e outros grandes felinos, um assunto que me fascinava sempre. Supostamente, os crocodilos, escondidos nas águas dos pântanos, podiam saltar de repente e abocanhar o pescoço de um tigre que estivesse a beber água; o crocodilo enfiava os dentes pequenos, mas horríveis, na espessa pelagem cor de laranja do tigre, e era muito capaz de o levar, mesmo que o tigre fizesse muita força com as pernas de trás para se manter em terra.

No entanto, Peter pôs-se a afagar calmamente a barriga do animal e eu reparei que os olhos pálidos e claros do réptil se dilatavam. Passado pouco tempo, para grande espanto tanto meu como da minha mãe, os olhos do caimão fecharam-se completamente, e Peter disse, num murmúrio: – Está a dormir.

Retorqui, também num murmúrio: – Pensei que ele ia morder-lhe. Tive cá um medo...

– Todos os animais gostam que lhes esfreguem as barrigas... Quanto a isso, não há nenhuma exceção.

– Como é que ele se chama?

– *Warden*.¹

– É mesmo o que ele parece... – disse a minha mãe. – Quer dizer, quando está acordado. Peter, como é que arranja tempo para cuidar de todos estes animais?

Peter acendeu um *King 100*. Eu sabia que a minha mãe se preocupava com o facto de eu ser uma fumadora passiva, mas não disse nada.

– Eu sou veterano de guerra e recebo uma pensão de invalidez. O meu trabalho consiste em tomar conta desta casa, porque, como pode ver, há sempre alguma coisa para consertar; e aprendi o ofício de serralheiro, de modo que sou capaz de reparar uma quantidade de coisas. – Exalou alguns anéis de fumo e eu enfiei o meu dedo neles, rindo enquanto eles se dissolviam.

– Sabe, é que eu estive na guerra da Coreia, e, aí, trabalhei como seralheiro. Num dia muito chuvoso, ia a descer uma colina no meu jipe e um camião bateu-me por trás. Acabei por ser submetido a uma operação chamada fusão espinal. Às vezes tenho de usar uma faixa para as costas, mas não me deixo ir abaixo por causa disso. Mantenho-me ocupado. A arranjar a casa e a cuidar dos animais. Sem isso, a minha vida seria uma grande chatice... Mas a verdade é que, nesta casa, há sempre coisas para fazer. – Fez uma pausa. – Sabe quantos anos tem esta casa?

– Quantos anos tem? – perguntou a minha mãe. Comecei a traçar círculos no tanque do caimão adormecido.

– Mais de cem anos. Foi construída na época da Guerra Civil, é uma das mais antigas de Weehwaken. Inès herdou-a do marido. Ele morreu num acidente de viação quando os filhos ainda eram bebés.

¹ «Guarda», «sentinela», «guardião». (*N. do T.*)

A minha mãe arregalou os olhos. – Sabe que todos os dias morrem mais de cem pessoas em acidentes de viação? É por isso que eu digo sempre à Margaux para ela pôr o cinto. O meu marido recusa-se a usá-lo. – Meneou a cabeça. – Deve ter sido horrível para ela, coitada... Nem dá para imaginar uma coisa dessas...

Peter acenou em concordância. – Sim, de facto foi muito traumático para Inès. Fosse como fosse, o certo é que o Miguel e o Ricky precisavam de um pai e a Inès... Não sei se ela se teria aguentado sem alguém para a ajudar nesta casa. Acredite no que lhe vou dizer, é como se uma pessoa estivesse condenada a viver até ao fim dos seus dias num permanente estado de... oh, qual é a palavra exata? Ah!, sim, de devastação... Ela trabalha no *Pennysaver*; uma das suas tarefas consiste em datilografar as mensagens pessoais, está a ver, coisas desse género. Um dia, decidiu pôr uma mensagem no jornal e eu respondi. Por acaso, houve uma confusão qualquer e a mensagem nem era para sair naquele dia. Mas saiu. Algumas coisas são ditadas pelo destino, acho eu. Aliás, o seu nome, Cassie, vem de Cassandra, não é?

– Sim. Cassandra Jean. Foi o meu pai que resolveu dar-me esse nome. E afinal tratava-me por Sandy...

– Nesse caso, importa-se que eu a trate por Sandy? Acho que é importante mantermo-nos ligados à infância. A infância é realmente a época mais importante das nossas vidas.

– Concordo inteiramente. Sim, sim, pode tratar-me por Sandy...

– Há um pequeno poema que aprendi na escola e de que ainda hoje me lembro. É curioso... As coisas que uma pessoa nunca mais esquece... Era assim: «Abençoado sejas, pequeno homem / Rapaz de pés descalços com as faces curtidas pelo sol! / Com as tuas calças arregaçadas / e as alegres melodias que assobias; / Com os teus lábios vermelhos, ainda mais vermelhos agora / Que foram beijados pelos morangos do monte; / Com o sol que bate no teu rosto / Através desse encanto que é a aba já tão gasta do teu chapéu; / Deixa que o que há de mais fundo no meu coração instile em ti a alegria, / Pois, em tempos, também eu fui um rapaz de pés descalços!» John Greenleaf Whittier.

– Bravo! – exclamou a minha mãe. – Recitou tão bem... O ritmo tão perfeito...

Peter pigarreou. – Apesar de tudo aquilo por que passei, continuo a tentar manter essa atitude. Não quero perder a minha alegria. Alguma

vez sentiu, Sandy, que, apesar de tudo o que acontece na sua vida de adulta, continua a ter o coração de uma menina? De certeza que sim, pois é uma coisa que vejo em si de uma forma muito clara...

A minha mãe enrubesceu e fez uma pausa antes de falar. Manteve a voz baixa; acho que pensou que eu estava tão distraída com o caimão que nem ligava à conversa dos adultos. – Bom, para dizer a verdade, o meu marido trata-me como se visse em mim uma criança... Está sempre a dizer-me que eu não consigo fazer nada em condições. Quando era miúda, o meu pai obrigava-me a assumir responsabilidades. Eu costumava lavar os pratos todas as noites e o meu pai dava-me uma moeda de cinco cêntimos. – De rosto afogueado, acrescentou: – Eu era a filha mais nova e a preferida do meu pai...

– Aposto que, quando era miúda, era tal e qual a Shirley Temple.

– Isto é o jardim zoológico e você é o guarda do jardim zoológico! – disparei eu, sem mais nem menos.

– Isso mesmo!

– Há um porquinho-da-índia no sótão que ainda não lhes mostrei. O sótão é o quarto do Miguel e do Ricky. E há alguns coelhos lá fora, em casotas.

– Onde é que estão o Miguel e o Ricky hoje? – perguntou a minha mãe. – Gostava que eles brincassem com a Margaux.

– Devem estar no Big Mouth Arcade. A jogar nas máquinas e a desperdiçar este dia de sol.

– Com a Inès?

– Não, Inès só volta do trabalho por volta das cinco e meia. Ultimamente, tem feito mais horas. Não lhe pagam horas extraordinárias, mas ela não se queixa – E ergueu os olhos.

– Quero ver os coelhos já! – disse eu, agarrada à mão de Peter. – Por favor, leve-me aos coelhos...

– É para já!

Enquanto eu me afastava deles aos saltinhos, ouvi Peter dizer: – Adoro isto... Quando as crianças saltitam, todas contentes... A coisa mais inocente, mais serena, mais despreocupada, que alguém pode fazer é saltitar...

Quando voltámos para o nosso apartamento, peguei no telefone (ainda era um daqueles com disco) que havia na cozinha. – Vamos

telefonar ao Peter – pedi à minha mãe. – Vamos perguntar-lhe quando é que podemos voltar à casa dele.

– Está bem, eu dou-te o número. Liga tu. Não quero dar a ideia de que estamos em pulgas por lá voltar...

Marquei o número, e, mal ele atendeu, disparei: – Peter, podemos voltar à sua casa, eu sei que não é bem-educado estar a pedir-lhe assim tão cedo, mas adorei estar aí e você é tão divertido, passei um bocado tão bom e adoro o *Paws*, mas é que adoro mesmo, e também gosto do *Warden*, apesar de ele ter aquele ar que mete um bocado de medo, ah!, e os coelhos são tão fofos, gosto tanto dos focinhos dos coelhinhos! Adoro o *Peaches* e o *Porridge*! Quero ir a sua casa todos os dias da minha vida! – Fiz uma pausa; a minha mãe estava sempre a falar da importância das rotinas. – Quero ficar a saber em que dias certos é que podemos visitá-lo, está a ver, os dias da semana em que podemos ir aí...

Não conseguia explicar porque é que sentia ser perfeitamente normal mostrar-me tão ousada, tão atrevida, com Peter; sabia muito simplesmente que era normal e correto.

Peter riu-se, e, depois de me dizer que podia tratá-lo por tu, comentou: – Quando queres alguma coisa, fazes tudo para a ter, não é? Olha, passa-me a tua mãe, está bem?

Depois do que me pareceu uma eternidade, ouvi a minha mãe rir-se e dizer: – Está bem, segundas e sextas-feiras. Para nós está perfeito. O meu marido gosta de nos levar a passear aos fins de semana, de modo que calha mesmo bem. – Após uma breve pausa, comentou: – Você é ótimo com crianças... A Margaux afeiçãoou-se logo a si de uma maneira incrível. Ah, já tiveram experiências como família de acolhimento... Isso é muito bom. Sempre admirei as pessoas que praticam boas ações... Quem me dera poder fazê-las também, mas o meu marido não é nada a favor da caridade e outras coisas do género... Sim, é verdade, fazer aos outros...